

O catre

Na escura madeira, o sentimento é o terno,
arredondando formas para o sempre.
E o tempo que adivinho é meu retorno
à fazenda arruinada, aos perdidos parentes
que eu sequer recomponho vendo as grades
que esconderam no cerne todo o pranto,
o ócio, o amor violento sobre o catre,
a pressa de morrer, o mesmo desencanto
que eu provo na madeira amarga e dura.

Ai tempo, ai cafezais de gotas rubras,
ai reses defendidas contra o assalto,
ai mágoa fervendo em grandes tachos
a embriaguez que a morte perpetua.
Ai solidão crescendo nas ruínas
do casarão sem data e defensores.
Ai paraquens do tédio que confinam
as fronteiras do tempo e seus rigores.
Ai sangue rebentando encruilhadas
e unindo as racas no terrível amplexo
de mistura, de morte, de emboscadas,
de tortura e silêncio e noite e sexo.

Ai medo de sentir na carne escura
do catre e do passado que me alcançam
O encardido desejo que flutua,
como louco fantasma de esperança,
arremessando meus sonhos contra as terras
que há século renego e ainda me chamam.
Ai tresnoitado catre nas vigílias
do tempo, refundindo em minha carne
a carne dos heróis desbravadores
causados do meu corpo que os abriga.

Ai amor condensado na escritura
de corpo a corpo, em transmissão segura,
através do antigo catre que hoje espreita
vestígios de cansaco e madrugadas,
promessa de outras vidas empenhadas
na cúmplice aquiescência da madeira.

Rio - 18 - XII - 56

Jo
oferece José Renato,

elina Ferreira